

Cooperativa Agrícola: Diferentes Concepções

Com o desenvolvimento do modo-de-produção capitalista e o acirramento das suas contradições, a cooperação no trabalho agrícola torna-se um tema cada vez mais importante.

Para alguns estudiosos e para uma parte do campesinato há consenso em que a produção individual é mais difícil porque, dentre outras limitações, restringe o acesso aos já escassos programas de crédito. Além disso o trabalho coletivo possibilitaria maior poder de negociação com as empresas que contratam o trabalho camponês, fortalecendo os camponeses diante das poderosas forças econômicas capitalistas.

Por essas questões desenvolvo uma pesquisa de mestrado com o objetivo de compreender as conquistas, os avanços, os obstáculos, os impasses e os limites de uma cooperativa de produção agropecuária (CPA). A cooperativa em estudo é a Copava (Cooperativa de Produção Agropecuária Vó Aparecida), localizada na agrovila III, do assentamento Pirituba, pertencente ao Movimento dos Sem-Terras (MST), situado nos municípios de Itapeva e Itaberá, sudoeste do Estado de São Paulo, Brasil.

Na Copava os camponeses optaram por manter a terra, a renda e o trabalho coletivos. Cada assentado (sócio) possui 17 hectares de terra, mas o título de concessão de uso permanece sob controle da cooperativa. Por isso os lotes não são divididos, mas agrupados. Uma pequena parcela do lote onde está construída as moradias é destinada à produção para auto-consumo.

O trabalho é coletivo e setorizado. Cada sócio escolhe em que setor trabalhar. Atualmente, existem nove setores em funcionamento: agrícola, pecuária, horta, ciranda infantil, segurança, suinocultura, máquinas e oficina, bar e administrativo. Além disso, o trabalho é controlado por hora trabalhada, e o pagamento depende da produção global da cooperativa.

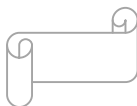
A moradia é organizada uma próxima a outra, em agrovila. É planejada também uma área bem próxima para ser comunitária (igreja, campo de futebol, parque infantil, bar). Essa forma de assentamento se diferencia do assentamento disperso, onde cada família constrói a moradia no seu lote individual, ficando as casas à grandes distâncias umas das outras.

Por todos esses aspectos a CPA era considerada pelo MST o grau máximo de cooperação agrícola. Porém, com o tempo, muitas delas se dissolveram e se fragmentaram, provocando um intenso debate sobre o seu papel para a manutenção do assentamento. Atualmente, está em fase de profunda revisão dentro do MST.

O MST e a cooperação

Segundo João Pedro Stedile (1999), no livro “Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil”, o pensamento e a ação do MST acerca do cooperativismo já passou por quatro fases, e ainda está sofrendo revisões.

A primeira etapa deu-se das primeiras ocupações de 1979 à 1985, à qual o autor afirma que os camponeses possuíam uma “(...) visão romântica da produção”, ou seja, a



preocupação era apenas conquistar a terra, e só depois pensar em como organizar a produção.

A segunda etapa deu-se de 1986 à 1990. Segundo Stédile foi um período de “Maturação, Sistematização e Estudo”. Foi uma fase em que o MST conseguiu assessoria de técnicos que apoiavam o cooperativismo. Dessa maneira debateu-se muito essa questão nos assentamentos e nos acampamentos, “(...) *o maior acerto, nessa etapa, foi que não nos prendemos a uma forma única de cooperação agrícola*” (Stédile, 1999, p. 97).

A terceira etapa ocorreu de 1990 a 1993. Segundo Stédile (1999, p.104) “(...) *foi um período de crise do movimento. (...) diante daquela falta de política agrícola ou da crise generalizada da agricultura, era necessário garantir para os assentados recursos de crédito de forma permanente*”.

A fase seguinte de 1995 a 1999 ocorreu a partir do III Congresso Nacional, em 1995, quando foi desenvolvida uma etapa de consolidação do SCA (Sistema Cooperativista dos Assentados) – “(...) Também foi um período de consolidação das agroindústrias” (Stédile, 1999).

Atualmente está ocorrendo uma nova revisão no MST acerca da importância do cooperativismo, em geral, e da cooperativa, em particular. Com a experiência acumulada através das cooperativas que fragmentaram e as que se mantiveram, o principal indicativo nos assentamentos é o cooperativismo e a cooperação, e não mais a formação de cooperativas.

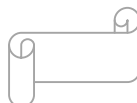
Dessa maneira entende-se que a cooperação pode ocorrer de diversas maneiras, desde o estabelecimento de pequenos grupos temporários formados para realizar uma determinada tarefa, como a carpida do arroz, os mutirões ou as trocas de dias de serviço.

Clodomir Santos de Moraes e o laboratório organizacional

A Copava formou-se em 1986, na etapa em que o pensamento predominante era a formação de cooperativas. Foi um período em que o movimento sofreu a influência de vários técnicos que defendiam a cooperação, dentre eles Clodomir Santos de Moraes que propunha o laboratório organizacional para a formação de cooperativas ou empresas associativas.

À respeito dessa experiência Stedile (1999, p. 98) afirma:

Ele é muito ortodoxo na sua proposta. Acha que é possível, por meio do laboratório organizacional, como ele chama, reunir de 50 a 100 famílias que queiram se organizar. Durante um mês no assentamento, se introduz a divisão do trabalho para poder sobreviver durante o próprio curso. Com a assimilação de que a divisão do trabalho é fundamental para o aumento da produtividade, trabalha com essas duas teses principais: a) o camponês precisa compreender que só a divisão do trabalho vai aumentar a produtividade e, portanto, aumentar a renda e o bem-estar; b) só a divisão do trabalho vai permitir elevar a sua consciência social de camponês individualista para um sujeito que percebe que é apenas mais um no sistema social.



Portanto, aplicando esse método, ele evoluiria para uma consciência social diferente da do camponês típico.

Para se compreender a proposta do laboratório organizacional de Clodomir Santos de Moraes é preciso conhecer a sua filiação teórico-metodológica de base leninista, que interpreta o campesinato como classe em extinção no modo-capitalista-de-produção.

Para Lenin, ao campesinato só haveria dois caminhos diante da inevitável produção para o mercado: ou não conseguiriam competir com os capitalistas e acabariam falindo e perdendo as terras, tornando-se proletários; ou obtendo sucesso, passariam a assalariar mão-de-obra, tornando-se capitalistas. De qualquer modo deixariam de ser camponeses.

Por isso na linha teórica de Moraes não há lugar para o campesinato na sociedade capitalista. É uma classe em extinção. Por isso precisa organizar o trabalho de modo a acumular e tornar-se capitalista, senão ele acabará perdendo a terra e terá de proletarianizar-se. É uma vertente teórica que entende que “o campo brasileiro já está se desenvolvendo do ponto de vista capitalista, e que os camponeses inevitavelmente irão desaparecer, pois eles seriam uma espécie de ‘resíduo’ social que o progresso capitalista extinguiria” (Oliveira, 2004, p. 34).

Contraopondo-se a essa vertente está a corrente teórico-metodológica que entende o desenvolvimento do capitalismo como um processo contraditório e combinado. Segundo Oliveira (2004, p.36) “*Isso quer dizer que, ao mesmo tempo em que esse desenvolvimento avança reproduzindo relações especificamente capitalistas (...) produz também, igual e contraditoriamente, relações camponesas de produção*”. Por isso, não se admite a extinção do campesinato, mas sua recriação e reprodução.

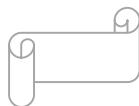
Logo o camponês não deve perder sua característica de classe social, como o trabalho familiar no lote individual, pois há lugar para esse tipo de trabalho na sociedade. Penso, em decorrência, que a cooperativa formada nessa base não precisa destruir as principais características do trabalho camponês.

Considerações Finais

Atualmente essa pesquisa está em andamento, não sendo possível tirar conclusões. Elas seriam falsas, apressadas e equivocadas. No entanto é possível vislumbrar alguns aspectos que tem dado vida longa a Copava enquanto outras cooperativas semelhantes foram fragmentadas.

Um primeiro aspecto é a maneira como a cooperação foi sendo construída entre os camponeses. Desde a fase do acampamento, da ocupação da fazenda, já haviam discussões acerca da importância e da necessidade do trabalho coletivo. Além disso os camponeses já formaram grupos coletivos desde essa época.

Em seguida a conquista da terra os camponeses formaram uma associação. Com isso já surgiu uma semente da associação que foi formada em seguida a conquista da terra. Segundo Zezinho trabalhador do setor administrativo da Copava:



Não havia condições de produzir sozinho. O desafio era produzir. Era preciso provar a viabilidade da reforma agrária. Fomos ampliando o debate internamente sobre o trabalho coletivo.

Como a desapropriação se deu aos poucos, o debate se intensificou. Os lotes que iam sendo desapropriados eram distantes. Como muitas famílias queriam tocá-lo individualmente, o problema estava resolvido (informação oral).

Pelo depoimento é possível perceber que a nenhum camponês foi imposta a participação na associação. As famílias que desejaram trabalhar individualmente tiveram seu desejo preservado, e seu lote individualizado.

A passagem da associação à cooperativa foi resultado de um longo e amplo debate interno. Segundo Zezinho em informação oral:

A partir de 1990, o movimento tomou consciência da necessidade de envolvimento dos jovens e das mulheres. A associação é um sistema fechado, só o homem decide. A representação era feita por apenas um membro da família. Esse sistema passou a não atender as necessidades, porque as mulheres e os jovens não participavam. Os jovens estavam saindo porque não tinham vez.

Contudo os camponeses que participavam da associação, mas não quiseram aderir à cooperativa tiveram seu desejo preservado.

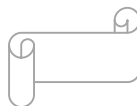
O laboratório organizacional também foi aplicado na Copava, mas com modificações. De acordo com Zezinho (informação oral):

Clodomir nunca esteve na agrovila. O conhecimento das suas idéias se deu pela cartilha do movimento.

O natural do camponês é o trabalho sozinho. Ele faz tudo sozinho. O laboratório experimental do Clodomir capacitava para a divisão técnica do trabalho e o envolvimento de mais mão-de-obra. Mas a agenda de reuniões era muito carregada. O regimento interno foi mudado. Pegamos o regimento de uma cooperativa em Santa Catarina. Buscamos facilitar em algumas coisas. Colocamos a possibilidade de folga. Tirar as pessoas para fazer estudos fora é muito difícil. Porém, a proposta geral do laboratório se mantém.

O método Clodomir foi importante porque já existia um trabalho, uma intenção cooperativa. O principal processo de formação da consciência para o trabalho coletivo foi a luta pela terra. A cooperação foi um processo de dez anos.

Um segundo ponto importante para a vitalidade da cooperativa é a não imposição da permanência de nenhum sócio. Desde o início se qualquer um dos sócios



desejar sair da cooperativa é livre para fazê-lo. Nesse caso a terra é fracionada e o ex-sócio recebe de volta seus 17 hectares. Isso é de extrema importância porque ninguém é obrigado a permanecer trabalhando insatisfeito.

O terceiro ponto importante, a nosso ver, é o objetivo da cooperativa. Qualquer que seja ele todos os sócios devem estar de acordo. No caso da Copava os camponeses plantam primeiramente para o sustento, cultivando de arroz e feijão, e posteriormente para comercialização. Desde o início a prioridade foi o auto-sustento.

O quarto ponto importante é a tomada de decisões. Na copava elas são tomadas em conselho. O conselho é formado por quinze a vinte pessoas, sendo dois conselheiros por setor. As reuniões ocorrem toda quarta-feira. Nela são discutidos problemas do dia-a-dia, como a quantidade de horas trabalhadas em cada setor.

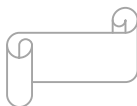
Finalmente, é necessário citar o respeito às insatisfações. Como em qualquer outro trabalho, elas existem. Na Copava se algum sócio deseja mudar de setor, ele tem o direito de fazê-lo. Obviamente há setores onde a troca é mais difícil, mas não impossível, como o trabalho com a colheitadeira de arroz. Por ser uma máquina altamente especializada requer treinamento para operá-la. Por isso se o trabalhador dessa máquina deseja trocar de setor, ele precisará treinar outro trabalhador.

Por tudo isso se vê que a construção da idéia de cooperação entre os camponeses da Copava foi resultado de um longo e amplo debate, que levou anos. Além disso, só participou da cooperativa quem de fato estava disposto. Ou seja a cooperativa foi uma construção dos próprios camponeses, e não uma imposição externa e artificial.

Esse dado nos leva a questionar o laboratório organizacional de Moraes. Por mais bem intencionado que fosse era uma imposição. Era um artifício. A cooperação, ao que parece, deve surgir espontaneamente no grupo, baseada nas suas necessidades.

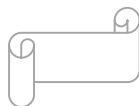
Além disso, mesmo com a divisão do trabalho, os sócios da Copava não deixaram de ser camponeses. O trabalho não é feito no lote individual, mas a família trabalha, inclusive os filhos dos primeiros sócios já se inseriram na cooperativa.

A experiência da Copava nos leva a questionar a visão de que o camponês deve deixar de se ver como camponês, mas como operário, sendo apenas mais um no processo produtivo. Vê-se nessa cooperativa é a reafirmação das características camponesas, com o trabalho agrícola familiar garantido.



BIBLIOGRAFIA

- LENIN, Vladimir Ilich. *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MARCOS, Valéria de. *Comunidade Sinsei: Utopia e Territorialidade*. São Paulo: FFLCH/USP, Dissertação de Mestrado, 1996.
- MARTINS, José de Souza. *Expropriação e Violência: a questão política no campo*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- _____. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. *O Cativo da terra*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. *O poder do atraso*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MORAIS, Clodomir Santos de. *Elementos sobre a teoria da organização no campo*. Caderno de Formação, n. 11. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra., Secretaria Nacional, 1986
- MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- MOURA, Margarida Maria. *Camponeses*. São Paulo: Ática, 1986.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro*. IN: *Novos Caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999.
- _____. *A Geografia das Lutas no Campo*. 6ª edição. São Paulo: Contexto, 1996.
- _____. *Modo capitalista de produção e agricultura*. São Paulo: Ática, 1986.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino & MARQUES, Marta Inez M. (orgs.) *O Campo no Século XXI: Território de Vida, de Luta e de Construção da Justiça Social*. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.
- SHANIN, Teodor. *La clase incómoda – sociología política del campesinato en*



una sociedad en desarrollo (Rusia 1910-1925). Madri: Alianza, 1983.

STEDILE, João Pedro e FERNANDES, Bernardo Mançano. *Brava Gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

<http://www.teses.usp.br/info/diretrizesfinal.pdf>

www.cecac.org.br/Coluna/Clodomir.htm

